

A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades

Carolina Serra¹ & Dinah Callou^{1,2}

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro

²CNPq

Abstract

This paper focuses on the variable deletion of **R** in final coda position using data from a *corpus* consisting of informal interviews with university graduates (standard dialect) from three urban centers of Brazil, Salvador, Rio de Janeiro and Porto Alegre, recorded in two different periods of time, the 1970's and the 1990's, for a short term real trend study. The analysis makes use of sociolinguistic methodology and the theory of prosodic hierarchy. The hypothesis is that the prosodic structure also plays a role in this process as far as **R**-deletion would be more frequent at lower levels rather than at higher levels of the structure.

Keywords/Palavras-chave: Rhotics; variation; change; prosodic structure / róticos; variação; mudança; estrutura prosódica

Introdução

A observação da perda do **R** em coda final vai, em geral, em duas direções: uma que prediz a sua manutenção, em certas circunstâncias, e outra que prevê o seu total desaparecimento. Segundo Houaiss (1970), a ausência do rótico seria considerada um estereótipo, um demarcador social, mas apresentaria indícios de recuperação, na fala culta, em hiper-correções do tipo -- *café - r - amargo*. D'Arc (1992), por sua vez, atesta seu total cancelamento, em dialetos não-padrão.

Na verdade, o apagamento do **R** em posição de coda final é um fenômeno antigo na língua portuguesa. O processo, em seu início considerado uma característica dos falares não cultos, era utilizado, nas peças de Gil Vicente, para singularizar o linguajar dos escravos. O fenômeno, entretanto, expandiu-se paulatinamente e é hoje comum na fala dos vários estratos sociais e corresponderia ao estágio final de um processo de enfraquecimento que leva à simplificação da estrutura silábica no Português do Brasil: **R** → **h** → \emptyset e, conseqüentemente, **CVC** → **CV**.

Ao tratar de forma sistemática do processo de apagamento variável do **R**, em coda silábica final, no Português do Brasil, não se pode deixar de levar em conta a interrelação entre aspectos segmentais e prosódicos (Callou & Serra, 2012). Ao mesmo tempo, é fundamental aliar a análise da distribuição sociodialetal a uma (re)interpretação fonológica dos róticos.

1.A variabilidade dos róticos

Trabalhos anteriores já comprovaram o polimorfismo do segmento e uma mudança da norma de pronúncia do chamado **R** forte, não só no ponto de articulação, de anterior para posterior, mas também no modo de articulação, de vibrante para fricativa.

As diversas pronúncias apontadas na literatura concorrem ainda hoje e já coexistiam no final do século XIX, ainda que apenas em nível individual (Viana, 1903) e/ou dialetal. Sempre existiu uma tentativa de relacionar regionalmente as variantes e classificá-las subjetivamente, como no caso da realização ápico-alveolar, que era considerada, até algum tempo atrás, a forma padrão básica para a linguagem do rádio, teatro, televisão, em outras palavras, a variante de “maior prestígio”, aquela que deveria ser difundida. Lembre-se de que o falante, pelo menos o não-especialista, não se dá conta do tipo de **R** que realiza, ele próprio ou seu interlocutor, com exceção do chamado **R** caipira (a vibrante retroflexa), cuja pronúncia apresenta estigma.

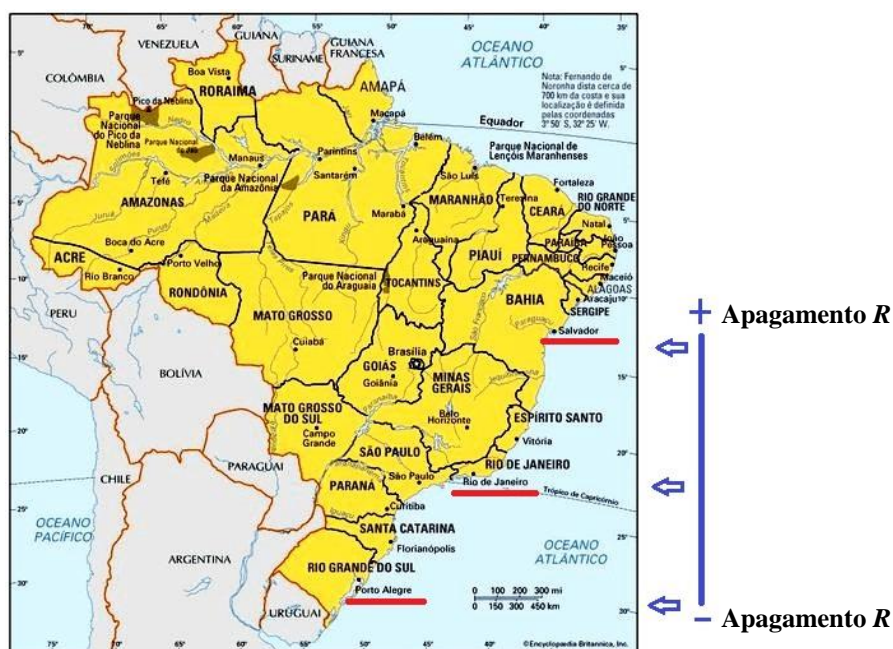
Além disso, foi também observado que, na análise do processo de apagamento do **R**, é necessário considerar o contexto em que ocorre o segmento -- **coda externa ou interna à palavra** -- e seu tipo de realização -- [+/-vibrante] e [+/- anterior]), uma vez que a manutenção do segmento ocorre preferencialmente nos dialetos em que a consoante mantém ainda o seu caráter de vibrante ápico-alveolar.

A multiplicidade e coexistência de variantes vibrantes e de variantes fricativas nos diversos contextos em que o **R** pode ocorrer, seja em *onset* -- início de palavra (*rato*) ou intervocálico (*carro*), seja em coda silábica -- medial (*carta*) ou final (*mar*), têm sido utilizadas para marcar a diferenciação ou semelhança entre os falares brasileiros, inclusive no que se refere ao apagamento, em maior ou menor grau, em coda silábica final. Aparentemente, haveria duas tendências básicas de avanço do processo de apagamento nessa posição: uma decorrente de uma regra de posteriorização aliada à passagem de vibrante à fricativa, passando progressivamente a zero; outra, de uma regra de posteriorização, em que não é necessária uma mudança de modo de articulação, podendo ocorrer a passagem, diretamente, de uma vibrante [+ anterior] a zero.

No que diz respeito ao *corpus* e à metodologia, utilizam-se amostras de fala (entrevistas informais) do Projeto NURC, gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX, de indivíduos com curso universitário completo, nascidos em Salvador (Região Nordeste), no Rio de Janeiro (Região Sudeste) e em Porto Alegre (Região Sul), distribuídos por faixa etária (25 – 35 anos, 36 – 55 anos e 56 anos em diante) e gênero, a fim de observar o processo de variação e mudança dos róticos no decorrer de 20 anos. A análise alia o aparato teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994), para um estudo em tempo aparente e em tempo real de curta duração -- tendência -- ao da teoria da hierarquia prosódica (Selkirk, 1984; Nespor & Vogel, 1986/2007), para a determinação do tipo de fronteira prosódica que teria favorecido o progressivo cancelamento.

Levando em conta a realização do **R** em posição de coda silábica final, em cada região estudada, a hipótese para o apagamento é a de que haveria uma escalaridade do fenômeno (cf. Mapa).

A INTERRELAÇÃO DE FENÔMENOS SEGMENTAIS E PROSÓDICOS: CONFRONTANDO TRÊS COMUNIDADES



Mapa 1 – Regiões estudadas e processo de apagamento do **R**

- **Salvador** (SSA) -- que realiza preferencialmente o **R** como uma fricativa laríngica (aspiração) -- estaria em um dos extremos, com índices significativos de apagamento;
- **Rio de Janeiro** (RJ) -- cuja norma de pronúncia é a fricativa posterior (velar, de preferência) -- estaria numa posição intermediária;
- **Porto Alegre** (POA) -- que mantém a realização anterior da vibrante -- estaria no outro extremo, apresentando uma frequência mais baixa de cancelamento.

Essa escalaridade estaria também refletida no nível prosódico, já que existiria uma relação entre presença/ausência de **R**, em posição de coda final, e o tipo de fronteira prosódica (Selkirk, 1984; Nespor & Vogel, 1986/2007).

1. Apagamento do **R**: estrutura prosódica e análise variacionista

1.1. Resultados e discussão

Na linha do proposto por Callou & Serra (2012), postula-se que o domínio do cancelamento vai além da sílaba e que seu *locus* tem relação, na verdade, com o tipo de fronteira prosódica: quanto mais alta a fronteira maior a tendência à preservação (exemplos 1 e 2), o que poderia explicar a maior frequência de apagamento na posição de coda final e a baixa frequência na posição de coda interna (Callou *et alii*, 1998).

O cancelamento do **R** é observado, portanto, relativamente à posição da sílaba da qual é coda e o tipo de domínio prosódico. Leva-se em conta se o segmento encontra-se em fronteira de palavra prosódica (**P ω**), sintagma fonológico (**PhP/φ**) ou sintagma entoacional (**IP**)¹, da fronteira mais baixa para a mais alta na hierarquia prosódica.

¹ A teoria da hierarquia prosódica (Nespor & Vogel, 1986/2007) prevê a organização dos enunciados das línguas em constituintes prosódicos, os quais atuam como âmbito de variados processos fonológicos e são também importantes para a organização entoacional em muitas delas. Dos sete domínios tradicionalmente postulados, faremos uso de três, cujos algoritmos de formação seguem abaixo: **Palavra prosódica (P ω)** -- uma palavra prosódica tem um único acento primário e uma palavra prosódica máxima (P ω^{max}) tem um único elemento proeminente. Todo elemento com acento de palavra tem de estar incluído numa palavra prosódica (Vigário, 2003).

(1) [(pra *sair*)pw]php]**IP** [(*te*∅)pw]**php** [(que *fica*∅)pw (quietinho)pw]php]**IP** [...]
(RJ, década de 70)

(2) [(como)pw (ela)pw]php [(não)pw (sabia)pw]php [(*escrever*)pw]php]**IP**
[(mal)pw (sabia)pw]php [(*le*∅)pw]php]**IP** (SSA, década de 70)

Agregamos, assim, a análise inovadora desse processo de cancelamento à luz da teoria da hierarquia prosódica às tradicionalmente realizadas no âmbito da sociolinguística variacionista. A variável classe morfológica, por exemplo, sempre foi apontada como a mais significativa, evidenciando que o apagamento do **R** ocorre mais frequentemente em verbos que em não-verbos. Esse apagamento também está sujeito a fatores extralinguísticos, pois apresenta distribuição diferenciada por área geográfica e por faixa etária.

A partir dos nossos resultados, é possível observar que, já na década de 70, o processo não atua da mesma forma nas três cidades -- SSA > RJ > POA -- nem nas três faixas etárias, ainda que não se considere a oposição classe morfológica, verbos *vs* não-verbos (Figura 1). Salvador e Porto Alegre apresentam, na década de 70, uma curva de mudança em progresso, com índices altos de apagamento na primeira faixa etária, enquanto o Rio de Janeiro apresenta relativa estabilidade.

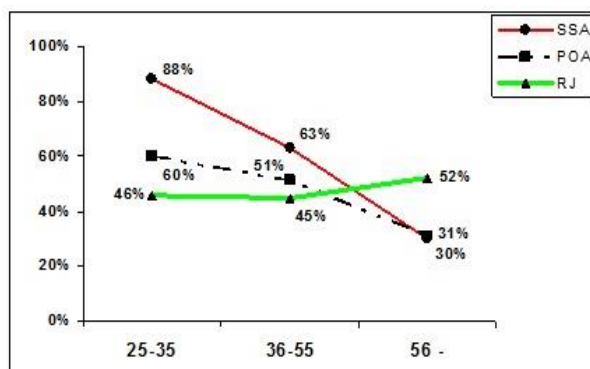


Figura 1 - Apagamento do **R**, em posição de coda final, na fala culta do RJ, de SSA e de POA, na década de 70, por faixa etária, sem levar em conta classe morfológica

Gênero é uma variável também atuante. Entre as mulheres, a frequência de apagamento em Salvador já atingia 97% e, em Porto Alegre, 93%, o que vem ao encontro da tese de que, nos processos de mudança sonora, as mulheres estão, em geral, uma geração à frente dos homens (Gauchat, 1905).

Levando em consideração classe morfológica, verificamos, da mesma forma, comportamentos diferenciados nas três capitais estudadas (Figura 2). Em Salvador, o processo encontra-se em estágio avançado, sendo encontrados percentuais altos de cancelamento tanto em verbos (97%) quanto em não-verbos (78%). Em Porto Alegre, no entanto, o apagamento só atinge os verbos (60%), sendo categórica a manutenção do

Sintagma fonológico (PhP/φ) – um sintagma fonológico deve ser formado por uma cabeça lexical (núcleos de sintagmas sintáticos cuja natureza é lexical e não funcional) + todos os elementos do lado esquerdo dentro da projeção máxima de Lex + XP *complemento* do seu lado direito, que contenha apenas uma P₀ (Frota, 2000; Tenani, 2002). Dessa forma, atendendo às condições necessárias, um φ deve ser constituído por mais do que uma palavra prosódica, formando um único φ com um complemento não ramificado.

Sintagma entoacional (IP) -- um sintagma entoacional deve conter toda sequência não estruturalmente anexada à oração raiz ou todas as sequências de φs em uma oração raiz (Nespor & Vogel, 1986/2007). A formação de IP está sujeita a condições de tamanho prosódico: sintagmas longos (em número de sílabas e de palavras prosódicas) tendem a ser divididos, da mesma forma que sintagmas pequenos tendem a formar um único I com um I adjacente, o que leva à formação de sintagmas com tamanhos equilibrados (Frota, 2000; Serra, 2009).

A INTERRELAÇÃO DE FENÔMENOS SEGMENTAIS E PROSÓDICOS:
CONFRONTANDO TRÊS COMUNIDADES

segmento nos não-verbos. No Rio de Janeiro, a diferença percentual de apagamento em verbos e não-verbos é também bastante marcada: 81% e 6%, respectivamente.

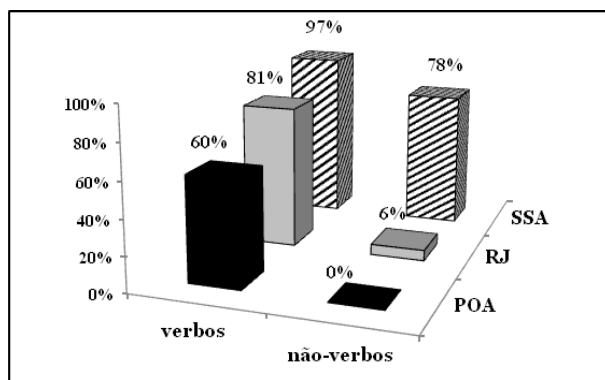


Figura 2 - Apagamento do R em posição de coda final, na fala culta do RJ, de SSA e de POA, na década de 70, na primeira faixa etária, de acordo com classe morfológica

Nas Figuras 3 e 4, é possível observar que em Salvador, à medida que o processo avança, a frequência de apagamento deixa, praticamente, de ser sensível à variável classe morfológica. Nessa localidade, o processo atua em todas as faixas etárias, em verbos e não-verbos (99%). No Rio de Janeiro, o cancelamento do rótico avança em todas as faixas etárias, nos verbos, sendo ainda mais expressivo na faixa 2 (87%, 90% e 85%, respectivamente). O apagamento se dá, em não-verbos, de forma mais saliente, na primeira faixa etária, em falantes, portanto, de 25 a 35 anos. Em Porto Alegre, há uma curva de variação estável, com índice mais baixo de apagamento em falantes da faixa intermediária, de 36 a 55 anos. Entre os não-verbos, há pouca alteração, nesta capital brasileira, entre a década de 70, quando a preservação do segmento era categórica, e a década de 90, quando o índice de apagamento é de apenas 1%, em todas as faixas etárias.

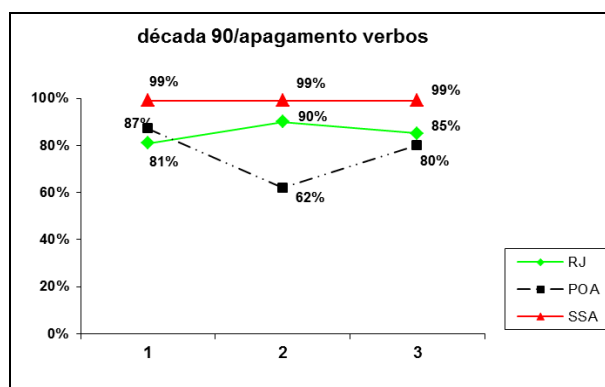


Figura 3 - Apagamento do R em posição de coda final, na fala culta do RJ, de SSA e de POA, na década de 90, por faixa etária, em verbos

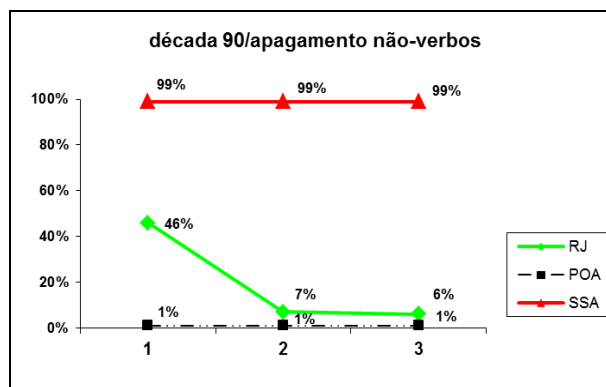


Figura 4 - Apagamento do *R* em posição de coda final, na fala culta do RJ, de SSA e de POA, na década de 90, por faixa etária, em não-verbos

Os resultados, até o presente momento, ao mesmo tempo confirmam algumas de nossas hipóteses, principalmente em relação à escalaridade geográfica, e põem em destaque a complexidade do fenômeno estudado. Vemos que, considerando realizações diferentes do *R*, teremos uma retenção do segmento naqueles falares que conservam a articulação vibrante [+ anterior]. Há, entretanto, uma informação morfológica, o fato de o item ser um verbo, apontada desde sempre nos estudos como atuante, que licencia a ocorrência do zero fonético. Essa informação, com o passar do tempo e as forças de mudança, vai gradativamente deixando de ser importante, na medida em que cede espaço, nas gerações mais jovens, à tendência mais geral, que é a do cancelamento do rótico na posição de coda final (cf. percentuais da década de 90, do Rio de Janeiro). No falar soteropolitano (SSA), o processo de apagamento já se encontra praticamente concluído, desde a década de 90, de forma que já começa a atingir também o domínio da sílaba interna à palavra, segundo checagem preliminar já realizada (Callou, Serra, Oliveira & Oliveira, a aparecer).

Na busca por capturar as etapas e os condicionamentos desse processo, realizamos a tabulação cruzada de classe morfológica e década, no falar que apresenta um comportamento intermediário na escala proposta, o falar carioca (RJ). O cruzamento acima referido confirma que a variável condicionadora classe gramatical vem perdendo força, no RJ, de uma década para a outra, não mais retendo tão frequentemente o segmento (Figura 5).

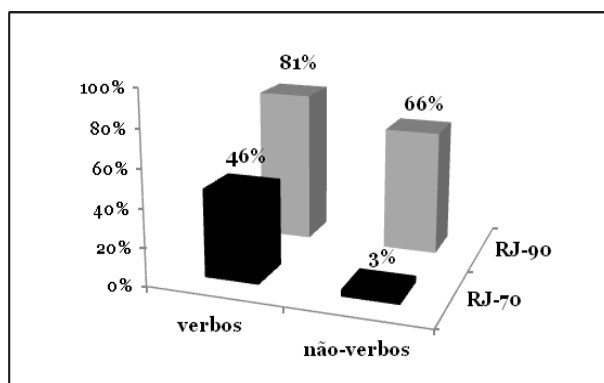


Figura 5 - Apagamento do *R* em posição de coda final, na fala culta do RJ, nas duas décadas, levando em conta classe morfológica

A INTERRELAÇÃO DE FENÔMENOS SEGMENTAIS E PROSÓDICOS: CONFRONTANDO TRÊS COMUNIDADES

Por outro lado, o processo de apagamento do **R**, nas cidades em que ele é variável, mostra-se sensível à variável tipo de fronteira prosódica: é a fronteira prosódica mais baixa, a de palavra prosódica (Pw), a que mais licencia o apagamento do segmento, ao passo que a fronteira de sintagma fonológico (PhP) e a fronteira mais alta de sintagma entoacional (IP) oferecem maior resistência à queda do **R**. De uma década para a outra, entretanto, mesmo as fronteiras de IP e PhP não mais inibem o apagamento do segmento (Figura 6), pelo menos, no Rio de Janeiro.

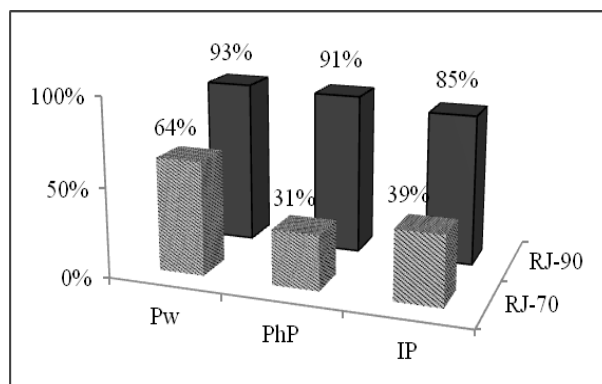


Figura 6 - Apagamento do **R** em posição de coda final, na fala culta do RJ, nas duas décadas, de acordo com a fronteira prosódica

Em Porto Alegre, na década de 70, o apagamento é mais frequente nas fronteiras de Pw e de PhP que na fronteira de IP (Figura 7), lembrando que o processo variável só se aplica aos verbos, na capital gaúcha.

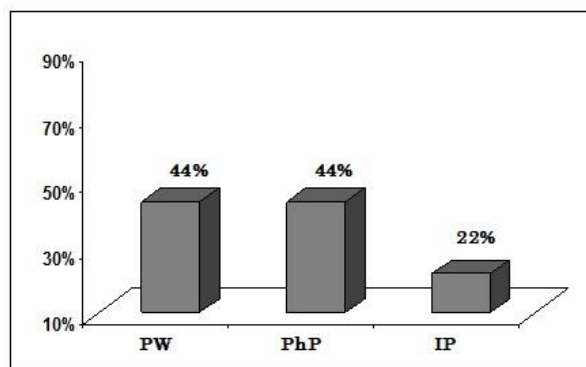


Figura 7 - Apagamento do **R** em posição de coda final, na fala culta de POA, na década de 70, de acordo com a fronteira prosódica

Esses resultados vão ao encontro da nossa hipótese sobre o importante papel da fronteira prosódica para a aplicação do processo em pauta, conquanto as cidades do Rio de Janeiro e de Porto Alegre apresentem índices diferenciados de apagamento na fronteira de PhP, os quais, na primeira cidade, aproximam-se aos de IP e, na segunda, aos de Pw. De toda forma, em ambas as cidades, é a fronteira mais baixa de palavra prosódica a que favorece o cancelamento do rótico.

Nossos resultados encontram respaldo em outras pesquisas já realizadas: os dados de Votre (1978), para a fala adulta, e de Gomes (2006), para a fala de crianças, entre outros, revelam a presença da pausa -- marca duracional frequentemente associada à fronteira de

IP -- como um fator favorecedor da realização da coda, indo ao encontro do que se propõe neste trabalho de ser a fronteira de sintagma entoacional a que inibe o processo de apagamento do **R** final. Em pesquisa recente sobre a aquisição da coda no Português Europeu, Jordão (2009) afirma que a posição final de IP propicia, claramente, tanto as estratégias de reconstrução quanto a realização da coda.

2. Conclusões

Até o momento, pode-se supor que o apagamento do rótico em coda silábica final é gradiente, à semelhança do que foi proposto por Bisol (2011) para a harmonização vocálica, em variedades distintas.

Postulam-se, então, três regras, de caráter regional, que mapeiam o cancelamento do **R** final no Português do Brasil (Quadro 1).

Tipo de regra	Caraterísticas
<ul style="list-style-type: none"> Regra categórica de apagamento sensível à classe morfológica 	Há variedades que aplicam a regra de apagamento só em verbos, e, coincidentemente, têm como norma de pronúncia, em coda silábica interna, uma vibrante anterior (Porto Alegre – Sul).
<ul style="list-style-type: none"> Regra variável de apagamento 	Há variedades em que a regra é variável em verbos e não-verbos -- sensível ao tipo de fronteira prosódica -- em variedades em que a norma é uma fricativa posterior, velar (Rio de Janeiro - Sudeste).
<ul style="list-style-type: none"> Regra categórica de apagamento 	Há variedades em que a regra atua, independentemente de classe morfológica e tipo de fronteira prosódica, nas quais a norma de pronúncia é uma fricativa posterior, laríngea – aspiração (Salvador - Nordeste).

Nosso próximo passo é a investigação de outros falares no Brasil, situados também nas três regiões aqui examinadas, a fim de verificar se as regras que atuam nos falares de Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre aplicam-se em outras capitais do Nordeste, Sudeste e Sul do país, respectivamente.

Além de observar a distribuição dialetal do fenômeno, interessa-nos aprofundar algumas questões que têm sido levantadas e que, entretanto, carecem de elucidação. Essas questões dizem respeito à possibilidade de cada variante do **R** representar um passo na escala ordenada de enfraquecimento, que resulta na queda do segmento, ou, ao contrário, corresponder a um único processo, sem etapas intermediárias. Nesse ponto, nossa hipótese é a de que as variedades do Português do Brasil possam apresentar comportamentos diferenciados no mesmo estágio da mudança. Interessa-nos, ainda, explorar as evidências de que os condicionamentos aqui envolvidos sejam tanto fonológicos, quanto morfológicos, sociais e prosódicos. Capturar a atuação da informação morfológica, a saber, o favorecimento do cancelamento em verbos, é ainda um objetivo a ser alcançado, embora há muito este seja o principal fator relacionado ao fenômeno. Como um desdobramento dessa questão, poderíamos pensar que, a depender da classe morfológica do item, o apagamento do **R** em coda final poderia representar uma regra lexical ou pós-lexical, dados os contrastes aqui observados.

É em função da vitalidade do fenômeno, que se apresenta tão diverso em áreas dialetais distintas, e, paralelamente, das suas múltiplas formas de atualização nos falares brasileiros, que a análise do **R** no Português do Brasil já fez correr tanta tinta, mas não se esgota. Se, por um lado, se pode antever o final de linha para esse processo de mudança que aponta para a perda total do **R** em posição de coda silábica final, por outro lado, é

indispensável a análise do processo em escala geográfica, levando em conta as multifaces das realizações do **R** e seus condicionantes.

Referências

- Bisol, Leda (2011) Harmonização gradiente. *Diadorim*. Revista de estudos linguísticos e literários, 8: 11-24. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras vernáculas.
- Callou, Dinah, Yonne Leite & João Moraes (1998) Consonantal weakening Process(es) in Brazilian Portuguese. In: Paradis, C.; Vincent, D.; Deshaies, D.; Laforest, M. (ed.). *Papers in Sociolinguistics*. NWAVE-26 à l'Université Laval. Québec/Canadá, Nota Bene: 53-62.
- Callou, Dinah & Carolina Serra (2012) Variação do rótico e estrutura prosódica. *Revista do GELNE*, vol. 14, nº Especial, 41-58.
- Callou, Dinah, Carolina Serra, Aline de Oliveira & Ingrid Oliveira (2013) *So[r]vete ~ so[ϕ]vete*: o cancelamento do rótico em posição de coda silábica medial no falar de Salvador. (a aparecer)
- D'Arc, Joana (1992) Difusão lexical na vibrante final. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: FL/UFRJ.
- Frota, Sónia (2000) *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing.
- Gauchat, Louis (1905) *L'unité phonétique dans le patois d'une commune*. Halle.
- Gomes, Christina Abreu (2006) Aquisição do tipo silábico CV(r) no português brasileiro. Scripta: Belo Horizonte. 9. Nº 18, 11-28.
- Houaiss, Antônio (1970) Sobre alguns aspectos da recuperação fonética. In : Anais do 1º Simpósio de Filologia Românica, Rio de Janeiro : 25-38.
- Jordão, Raquel (2009) A estrutura prosódica e a emergência de segmentos em coda no PE: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa. Lisboa: Universidade de Lisboa/FLUL.
- Labov, William (1994) *Principles of linguistic change. Internal factors*. Cambridge, Blackwell.
- Nespor, Marina & Irene Vogel (2007) *Prosodic phonology*. Berlin: Mouton De Gruyter. Originalmente publicado em 1986 (Dordrecht: Foris).
- Selkirk, Elisabeth (1984) *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge: M.I.T. Press.
- Serra, Carolina Ribeiro (2009) *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.
- Tenani, Luciane (2002) Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: LEL/UNICAMP.
- Viana, Aniceto dos Reis Gonçalves (1903) *Portugais*. Leipzig, Teubner.

Vigário, Marina (2003) *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

Votre, Sebastião (1978) *Variação fonológica no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro/PUC.